

APRESENTAÇÃO

Religião e prisão, esta é a temática do oitavo número de *Debates do NER*. O interesse em estudar a presença dos grupos religiosos e das pastorais das igrejas dentro do universo carcerário brasileiro vem crescendo na última década dentro da academia brasileira. Com o intuito de contribuir para essas discussões, reunimos aqui os trabalhos de seis autores que desenvolveram pesquisas em estabelecimentos prisionais nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

Todos os textos reunidos neste número temático de *Debates do NER* foram elaborados a partir de dissertações de mestrado, oferecendo um panorama da diversidade e peculiaridade das manifestações religiosas dentro do sistema carcerário. Permeiam a diversidade dos contextos geográficos e empíricos questões como: conversão, relações de gênero e de poder, formas de sociabilidade, religião e lazer, honra, trajetórias de vida. Assim, as transformações que vêm ocorrendo nas formas de crer e na compreensão do religioso na sociedade contemporânea, atravessadas pela concorrência religiosa e pela disputa por “almas”, ganham configurações particulares nos presídios brasileiros.

Os dois primeiros artigos, de Gilse Elisa Rodrigues e Laura Ordóñez Vargas, têm como contexto empírico presídios femininos no Rio Grande do Sul e no Distrito Federal, respectivamente. Gilse nos traz reflexões sobre as possibilidades de reorganização das biografias de mulheres reclusas a partir de práticas religiosas no presídio. Centra sua análise no jogo interacional entre presas, evangelizadores e representantes da instituição prisional. Em seu artigo apresenta-nos o espaço prisional e a configuração do mercado religioso dentro do presídio, apontando para os diálogos possíveis entre três atores sociais: agentes religiosos, equipe dirigente e detentas. Esses atores protagonizam, segundo a autora, o drama social que se desenrola no cotidiano intramuros da Penitenciária Madre Pelletier, em Porto Alegre.

Laura Ordóñez Vargas, em sua etnografia de grupos religiosos na Penitenciária Feminina do Distrito Federal, mostra a ambivalência da atuação

desses grupos que, por meio do discurso cristão, tanto assume o papel de controle indireto da instituição sobre aquela população carcerária quanto de resistência das detentas ao poder totalizante da direção do presídio. Pertencer a um grupo religioso cristão, afirma, assume a faceta de um mecanismo de adaptação-resistência das internas para sobreviverem às vicissitudes da realidade prisional. Apesar dessa ambivalência, conclui que a utilização do discurso religioso se apresenta como um mecanismo importante para se chegar ao “autoperdão” dentro do presídio.

Os textos que seguem vão enfocar especialmente a presença e atuação dos grupos evangélicos nos presídios. Nesse sentido, Camila Caldeira Nunes Dias, abordando a religiosidade evangélica dentro do universo carcerário, observa tanto as alterações produzidas em decorrência da conversão religiosa como o lugar e a posição que os crentes, enquanto grupo, ocupam no sistema social prisional na relação com os demais detentos. Seu campo empírico abrangeu a Penitenciária I de São Vicente (SP) e a Penitenciária do Estado de São Paulo. Também aqui aparecem tensões e ambigüidades no interior dos grupos religiosos pentecostais e na sua relação com a direção do presídio, estabelecendo, assim, um contexto conflitivo e constantemente ameaçado por possíveis rupturas. Essa situação, por sua vez, acaba conferindo a esses grupos pentecostais dentro do presídio características de ilegitimidade e descrédito.

Eva Lenita Scheliga, partindo da observação etnográfica de duas unidades masculinas de segurança máxima do sistema prisional paranaense, foca seu olhar na forma como os funcionários, que exercem diferentes funções técnico-administrativas, vêem a conversão religiosa desses detentos ao pentecostalismo. Apesar da existência de outras denominações religiosas, a autora constata que a conversão está diretamente associada às igrejas pentecostais. A maior visibilidade do fenômeno de conversão religiosa ao pentecostalismo, segundo Eva, seria decorrente do *habitus* produzido pela experiência religiosa pentecostal.

Partindo da metáfora do pastor e suas ovelhas, Edileuza Santana Lobo identifica em unidades do sistema prisional do Complexo Frei Caneca, no Rio de Janeiro, um campo fértil para o proselitismo religioso que, em sua

visão, estaria contribuindo para o crescimento das igrejas evangélicas. Partindo do relato de um culto na prisão, nos mostra como ocorre a recepção da crença evangélica entre os presos e a conseqüente elaboração dessa crença no cotidiano da prisão.

O último texto aqui reunido, de Alessandro Bicca, retorna ao Estado do Rio Grande do Sul, à Penitenciária Estadual do Jacuí, e faz uma análise comparativa no que concerne à constituição e ao papel da honra entre detentos não-crentes e crentes. As relações entre esses dois grupos estão marcadas pela suspeição frente à veracidade do testemunho de conversão, mas por meio do apelo ao conceito de honra os crentes conseguem se impor dentro do presídio e transpor essa barreira de desconfiança inicial. A honra, como constata o autor, apresenta características idiossincráticas e, de forma geral, norteia todas as relações estabelecidas nesse universo carcerário masculino. Para os detentos não-crentes a honra, e não a conversão religiosa, é que confere aos crentes a possibilidade de transitarem e serem respeitados no presídio.

Alessandro Bicca
Carlos Alberto Steil
Organizadores